

Consumo de plantas medicinais para fins terapêuticos entre funcionários de um centro universitário no centro-oeste do Paraná.

Agnis Camilli Lima Tavares, Farmácia, Centro Universitário Integrado, Brasil,
agniscamilli@gmail.com

Julia Belinato, Farmácia, Centro Universitário Integrado, Brasil,
juliabelinato@gmail.com

Renan Alberto Marim, Farmácia, Centro Universitário Integrado, Brasil,
renan.marim@grupointegrado.br

RESUMO

O uso de plantas medicinais para fins terapêuticos tem sido usado por séculos em várias culturas ao redor do mundo para tratar uma variedade de condições de saúde. Esse consumo é utilizado até hoje por proporcionar menos efeitos colaterais e ter menos chance de dependência, em relação a medicamentos alopáticos. Contudo, o uso exacerbado de plantas medicinais pode apresentar respostas negativas para a saúde, podendo causar toxicidade. O objetivo do presente estudo foi investigar o nível de conhecimento e utilização de plantas medicinais com fins terapêuticos entre funcionários de um Centro Universitário do Centro-Oeste do Paraná. A pesquisa envolveu funcionários de uma instituição do centro-oeste do Paraná e os dados foram coletados através do Google Forms. Foram aplicadas perguntas como: idade, gênero e renda mensal para análise estratificada da população e perguntas específicas sobre consumo das plantas medicinais. Foi avaliada a percepção das pessoas sobre a eficácia e riscos de uso, bem como formas de utilização, frequência e orientações. Alguns resultados mostraram que a maioria das pessoas acredita na segurança das plantas, porém, não sabem prepará-las corretamente. Além disso, grande parte dos entrevistados, totalizando 70,7%, relataram substituir os medicamentos convencionais por plantas medicinais. Após a coleta de dados, os pontos identificados são relevantes com base no tema e poderão ser elaboradas ações e atividades para ampliar o conhecimento e uso sobre plantas medicinais.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Saúde. População. Pesquisa. Eficácia. Coleta de dados. Conhecimento.

The use of medicinal plants for therapeutic purposes has been practiced for centuries in various cultures worldwide to treat a variety of health conditions. This consumption persists today due to fewer side effects and a lower risk of dependence compared to allopathic medications. However, excessive use of medicinal plants can have adverse health effects, potentially leading to toxicity. This study aimed to investigate the level of knowledge and use of medicinal plants for therapeutic purposes among employees of a University Center in the central-western region of Paraná, Brazil. The research involved employees of an institution in the central-western region of Paraná, and data was collected through Google Forms. Questions were asked about age, gender, and monthly income for stratified analysis of the population, as well as specific questions about the consumption of medicinal plants. The study assessed individuals' perceptions of the efficacy and risks of using medicinal plants, as well as usage patterns, frequency, and guidance. Some results showed that most people believe in the safety of plants but do not know how to prepare them correctly. Additionally, a significant portion of the interviewees, totaling 70.7%, reported replacing conventional medications with medicinal plants. After data collection, the identified points are relevant to the topic and could be used to develop actions and activities to expand knowledge and use of medicinal plants.

SIMPAPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Núcleo de
Empreendedorismo,
Pesquisa e Extensão
Integrado

Apoio



FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA
Apoio ao Desenvolvimento Científico
e Tecnológico do Paraná

Keywords: Medicinal plants. Health. Population. Research. Efficacy. Data collection. Knowledge.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais é uma tradição milenar, e esses hábitos e métodos de preparação são transmitidos ao longo das gerações. Segundo Calixto (2003), o Brasil é um dos países que possui maior biodiversidade do planeta, totalizando 20% do número total de espécies do mundo.

Com o avanço da indústria farmacêutica, houve uma diminuição temporária no uso de plantas medicinais. No entanto, nas últimas décadas, essa tendência vem se revertendo devido à compreensão dos limites dos medicamentos convencionais na resolução dos problemas de saúde e à considerável quantidade de efeitos colaterais associados ao seu uso. Isso tem levado os pacientes a procurarem tratamentos menos invasivos e abordagens mais holísticas para o cuidado da saúde (Saad et al., 2016).

O conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos. O uso de plantas no tratamento e na cura de enfermidades é tão antigo quanto a espécie humana. A comercialização de plantas medicinais é encontrada desde pequenas a grandes cidades, seja em feiras livres, mercados de produtos naturais, dentre outros (Saldanha; Lameira, (2007).

A população tende a usar plantas medicinais para fins terapêuticos com pouco conhecimento. Saber como fazem a utilização, quais plantas e a origem desse costume pode ser fonte para futuras ações de conscientização e de cuidado ao paciente, conseguindo evitar efeitos indesejados. Assim, o objetivo do presente estudo foi investigar o nível de conhecimento e utilização de plantas medicinais com fins terapêuticos entre funcionários de um centro universitário do centro-oeste do Paraná.

MÉTODO

O estudo foi do tipo observacional transversal, sendo encaminhado previamente para o Comitê de Ética e Pesquisa e aprovado pelo CAAE nº 78326624.6.0000.0092. Os funcionários que foram convidados a participar da presente pesquisa, atuam no Centro Universitário Integrado da cidade de Campo Mourão - Paraná.

Os dados foram coletados através da plataforma do Google Forms e depois analisados através de gráficos. Foram convidados a participar do estudo, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), todos os funcionários da empresa maiores de 18 anos.

O formulário continha 24 perguntas objetivas e específicas, como: “Você acredita que as plantas medicinais são mais seguras do que os medicamentos

convencionais?”. Além disso, foi investigada a conduta dos pacientes em relação às medidas adotadas quando adoecem, se consideravam o uso de plantas medicinais seguro, se acreditavam que seu uso era inofensivo, e se viam as plantas medicinais como mais seguras que os medicamentos convencionais.

No questionário, além das questões sobre o conhecimento e uso de plantas medicinais, também foram coletados dados sociodemográficos como idade, gênero, estado civil e etnia, para estratificar a população que participou do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário foi respondido por 90 funcionários da instituição, que corresponde a 12,93% da amostra total, sendo que o modelo foi composto por indivíduos de diferentes perfis sociodemográficos, com diferenças em termos de idade, gênero, etnia, estado civil, nível de escolaridade, entre outros. A maioria dos participantes, totalizando 76%, são do sexo feminino, com idade média entre 25 à 34 anos.

A análise dos dados mostra que 54,5%, sendo a maior parte do grupo, possui no máximo o ensino fundamental completo ou incompleto, e 13,3% dos participantes relataram terem completado o ensino médio. Por outro lado, a quantidade de pessoas com ensino superior (graduação, mestrado e doutorado) é relativamente pequena, representando menos de 45% do total. Dos entrevistados 74,4% do grupo são brancos, 20% pardos e o restante da porcentagem, sendo 5,6%, composta por negros. A predominância nas respostas destacam-se os solteiros, com 42,2%, e casados, com 45,6%, sendo em minoria os divorciados e viúvos.

A partir dos resultados alcançados, foi possível avaliar tanto o nível de conhecimento quanto a frequência do uso de plantas medicinais para fins terapêuticos. A análise das respostas demonstrou que a maioria dentre os funcionários têm familiaridade com o uso de plantas, porém, ainda há lacunas importantes relacionadas à segurança, eficácia e modo de preparo em comparação aos medicamentos convencionais.

Uso de plantas medicinais como prática inofensiva

Com base nas respostas obtidas, foi possível observar na figura 1 que 23,3% acreditam que as plantas são inofensivas e 18,9% não souberam informar. A falta de informação faz com que estes consumidores tenham maiores chances de não identificarem efeitos colaterais que a planta usada pode trazer.

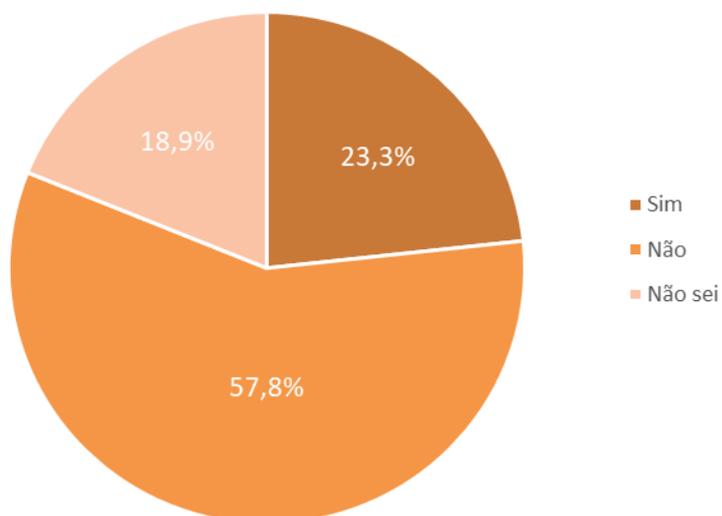


Figura 1: Frequência de funcionários que acreditam que o uso de plantas medicinais seja uma prática inofensiva.

Grande parte da comunidade faz uso de plantas como opção de tratamento, essa automedicação indiscriminada, muitas vezes sem o conhecimento da toxicidade pode ser perigoso, caso não haja a garantia de que as propriedades esperadas sejam obtidas (Veiga 2008).

Conforme Martins (2005), é importante que as pessoas saibam sobre as informações de cada planta existente na localidade onde vivem, como por exemplo, a indicação, a parte utilizada, quais as doses necessárias para combater uma determinada patologia, entre outras informações importantes, para que as mesmas possam utilizá-las com uma margem de segurança, sem possuir um risco de vida.

Substituição de medicamentos convencionais por fitoterápicos

Dentre os entrevistados 70% já substituiu em algum momento um ou mais medicamentos convencionais por plantas medicinais, como observado na figura 2.

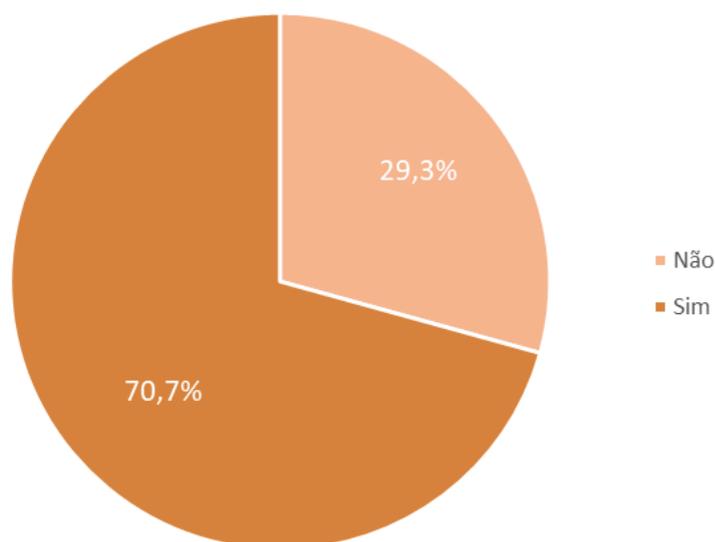


Figura 2: Frequência de funcionários que em algum determinado momento trocou o uso de medicamentos convencionais por plantas medicinais.

É importante considerar que podem haver interações do uso de medicamentos convencionais com plantas medicinais, podendo levar a reações indesejadas imediatas e a longo prazo, limitando as terapias naturais.

Interações entre plantas e fármacos podem levar a alterações farmacológicas e ainda a toxicidade do medicamento. Essas interações podem ser do tipo farmacodinâmica, onde há um aumento ou diminuição do efeito do fármaco, devido ao sinergismo ou antagonismo, ou ainda interações farmacocinéticas, que irão levar a alterações na absorção e distribuição do fármaco no organismo, levando a alteração na concentração plasmática (Carneiro e Comarella, 2016).

Segundo Almeida (2003), as indicações terapêuticas tradicionais (práticas não-alopáticas) indicam plantas para fins medicinais que extrapolam em muito a terapêutica convencional (alopatia).

Podem haver interações entre medicamentos e plantas simples usadas no dia a dia, como o alho. De acordo com Nicoletti et al (2007), pacientes que utilizam anticoagulantes orais como a varfarina poderão apresentar aumento do tempo de sangramento quando forem administrados medicamentos contendo alho.

Do mesmo modo, a camomila interage com anticoagulantes aumentando risco de sangramento. Com barbitúricos (fenobarbital) e outros sedativos, a planta poderá intensificar ou prolongar a ação depressora do sistema nervoso central e reduzir a absorção de ferro ingerido através de alimentos ou medicamentos. Segundo pesquisas, o gengibre tem interações estimulando a produção de ácido clorídrico estomacal e, como consequência, poderá comprometer a ação

de medicamentos contendo sucralfato, ranitidina ou lansoprazol (Nicoletti et al., 2007).

Preparo de plantas medicinais

Em se tratando do modo de preparo das plantas medicinais, a maioria, correspondente a 56%, respondeu que não tem conhecimento de como prepará-las, o que é um dado preocupante, pois pode acarretar em vários problemas se forem administradas de forma incorreta.

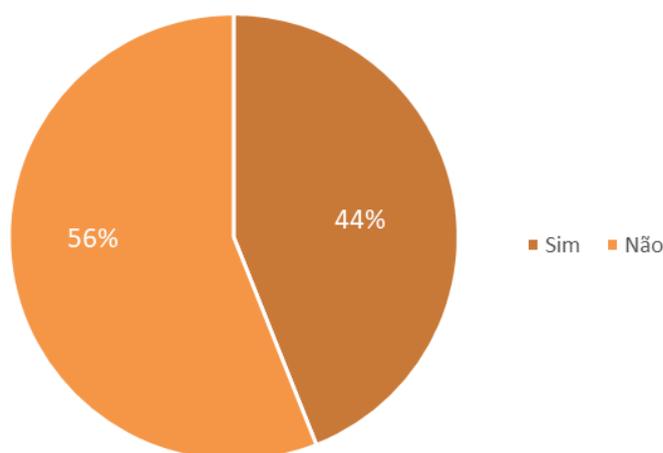


Figura 3: Frequência de funcionários que compreendem como ocorre o preparo correto de plantas medicinais para uso.

É de suma importância ter conhecimento de como preparar a planta da maneira correta, se a melhor forma de extração do princípio ativo é através de infusão, inalação, compressa, maceração ou outros métodos. Sem essas informações pode-se fazer um mau uso da planta, podendo ser até prejudicial ao invés de ter finalidade terapêutica.

Uma alternativa interessante e acessível para esses casos é o farmacêutico(a), pois, além de capacitado para orientar na venda de produtos naturais, também possui conhecimento técnico necessário para informar sobre o uso correto das plantas medicinais, evitando assim, problemas relacionados ao mau consumo.

Uso seguro de plantas medicinais

Quanto à questão de segurança comparando as plantas aos medicamentos convencionais, houve uma maior diversidade de opinião, sendo que 50% negam que elas sejam mais seguras, 25,6% dizem que sim e 24,6% não sabem responder.

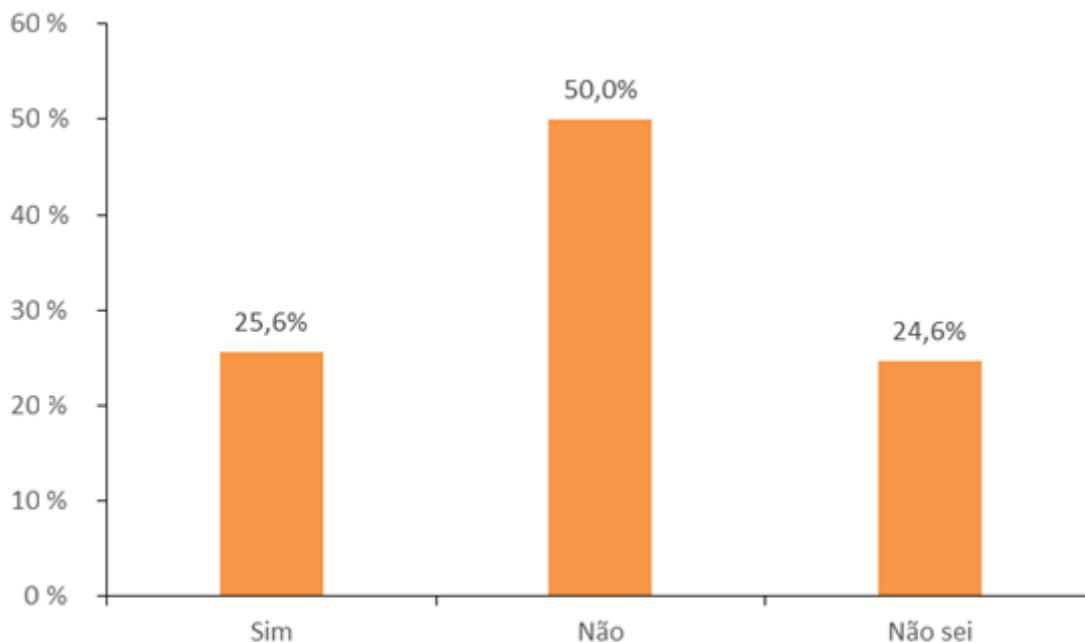


Figura 4: Resultado referente se o uso de plantas medicinais são mais seguras que medicamentos convencionais.

As plantas medicinais constituem espécies vegetais dotadas de potencial para serem utilizadas com finalidades terapêuticas devido às suas propriedades. Entretanto, deve ser analisado qual o melhor tipo de tratamento para o paciente, se é o uso de medicamentos convencionais ou plantas, desde que tenha boa resposta terapêutica.

Embora as plantas medicinais ofereçam um potencial terapêutico significativo, é fundamental ter consciência de que nem todas são seguras e livres de riscos. Enquanto muitas possuem propriedades terapêuticas comprovadas e podem ser utilizadas adequadamente, algumas contêm compostos químicos que podem ser tóxicos e desencadear efeitos adversos no organismo humano (Pedroza, 2023, *apud* Nunes, 2023).

Orientações sobre plantas medicinais

Entre os participantes, 61% afirmaram que sim, já receberam tais orientações, enquanto 39% indicaram que não. Esses dados revelam que uma parcela significativa da população teve algum tipo de instrução formal ou informal sobre o uso seguro de plantas medicinais, embora ainda exista um grupo considerável que não possui tal conhecimento.

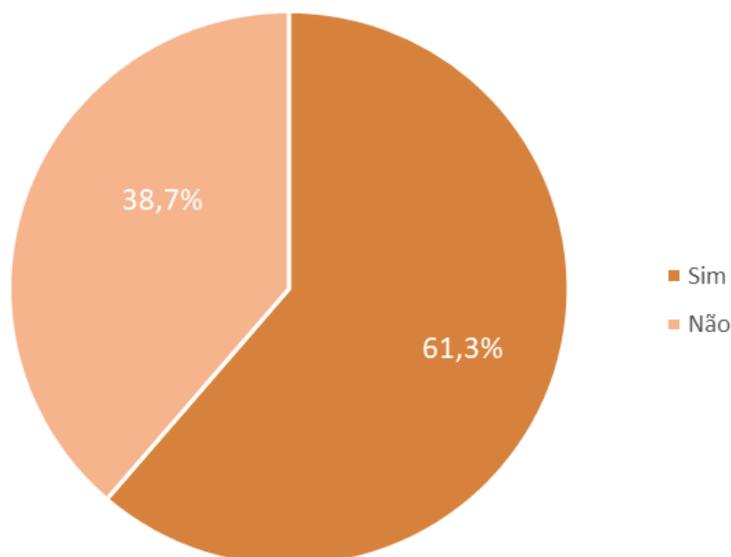


Figura 5: Resultado referente se o participante da pesquisa já recebeu orientações de como utilizar corretamente plantas medicinais.

Essa falta de informação também está presente entre os profissionais de saúde. De acordo com Trovó e Silva (2002 *apud* Nunes, 2017) a carência de discussões e esclarecimentos sobre as Práticas Integrativas e Complementares, dentre elas as plantas medicinais/fitoterápicos, durante a graduação, gera uma lacuna no conhecimento do enfermeiro, trazendo prejuízo no seu desempenho profissional, principalmente na assistência à população mais carente, que é a mais afetada pela deficiência do atual Sistema de Saúde. A orientação sobre o uso correto de plantas medicinais possibilita que a população tenha acesso a uma terapêutica eficaz e segura (Silva; Oliveira, 2018).

Ação dos participantes quando necessitam de intervenção medicamentosa

Quando questionados sobre a conduta adotada dos participantes quando estão doentes, 44% buscam um serviço de saúde especializado, contudo uma boa parte dos funcionários afirmaram realizar automedicação (44%), prática que se iguala quanto buscar ajuda profissional. Apenas 11,2% optam por fazer uso de plantas medicinais. Esses dados mostram um comportamento variado, com a maioria da população mudando entre práticas de saúde formal e outras menos formais, como automedicação e remédios caseiros.

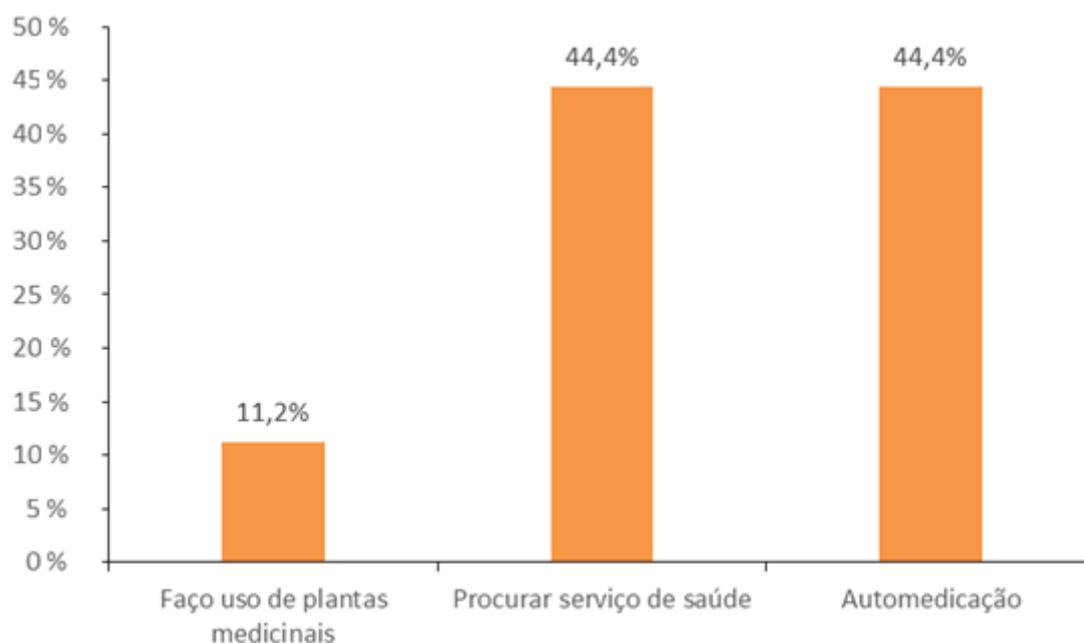


Figura 6: Resultado sobre a conduta dos participantes ao apresentarem alguma patologia ou sintomas característicos de alguma doença.

De acordo com os resultados, nota-se preocupante a conduta de se automedicar e também o uso de plantas medicinais (caso não seja utilizada corretamente).

A automedicação eleva a probabilidade de efeitos colaterais e pode camuflar doenças mais graves, podendo atrasar o diagnóstico exato da patologia. Um exemplo bastante comum são os MIPs (Medicamentos Isentos de Prescrição), fazendo com que muitas pessoas não procurem um serviço de saúde adequado, optando assim pela automedicação.

Segundo Calado, o comportamento de utilizar plantas medicinais para o tratamento de doenças é uma prática corriqueira, especialmente por pessoas que residem no interior do estado (Calado; Pereira; Lins, 2020). Ainda, segundo os autores, é de extrema importância saber o uso correto das plantas para tratar uma determinada doença, com o intuito de amenizar os riscos de intoxicação e efeitos indesejáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atual estudo trouxe informações relevantes sobre o nível de conhecimento que os funcionários têm sobre as plantas medicinais. Através do questionário aplicado, foi possível identificar que, apesar de grande parte dos trabalhadores

fazer uso regular de plantas medicinais, o conhecimento detalhado sobre suas propriedades, as dosagens corretas e os possíveis efeitos adversos ainda é limitado.

Os resultados mostram que o uso de plantas medicinais está muito ligado a práticas familiares e culturais, sendo transmitido de geração em geração. Entretanto, a pesquisa também revelou que a maioria dos participantes não procura um profissional de saúde antes de utilizar as plantas, o que poderia representar riscos nos casos de interações medicamentosas e distúrbios no uso de algumas espécies.

Diante disso, reforça-se a necessidade de ações educativas voltadas à conscientização do uso seguro de plantas medicinais. Programas de educação continuada oferecidos em parceria com profissionais da área da saúde, oficinas ou palestras sobre o uso correto e consciente dessas plantas poderiam contribuir na amplitude do conhecimento sobre o assunto entre os funcionários.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mara Zélia de. **Plantas medicinais**. Edufba, 2003.

CALADO, Adryele Nadyne; DE SOUZA PEREIRA, Andrea Carla; DE OLIVEIRA LINS, Severina Rodrigues. Avaliação sobre o conhecimento dos estudantes do nono e décimo período de farmácia, a respeito da importância do uso correto de plantas medicinais no tratamento de doenças. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 94608-64621, 2020

CALIXTO, João B. Biodiversidade como fonte de medicamentos. **Ciência e cultura**, v. 55, n. 3, p. 37-39, 2003.

CARNEIRO, Ana Luiza Chrominski; COMARELLA, Larissa. Principais interações entre plantas medicinais e medicamentos. **Revista Saúde e desenvolvimento**, v. 9, n. 5, p. 4-19, 2016.

DA SILVA, Milena Isabela; DE OLIVEIRA, Helaine Barros. Desenvolvimento de software com orientações sobre o uso de plantas medicinais mais utilizadas do sul de Minas Gerais. **Brazilian Applied Science Review**, v. 2, n. 3, p. 1104-1110, 2018.

MARTINS, Anderson Geber et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil. 2005.

NICOLETTI, Maria Aparecida et al. Principais interações no uso de medicamentos fitoterápicos. **Infarma-ciências farmacêuticas**, v. 19, n. 1/2, p. 32-40, 2007.

NUNES, Elana Maria Rabelo. Plantas medicinais: conhecimento empírico e conhecimento científico no município de Laranjal do Jari-AP, 2023. 76f.

SIMPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Núcleo de
Empreendedorismo,
Pesquisa e Extensão
Integrado

Apoio



FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA
Apoio ao Desenvolvimento Científico
e Tecnológico do Paraná

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) -
Instituto Federal do Amapá, Laranjal do Jari, AP, 2023.

NUNES, Josefina Dorotéa et al. A importância da informação do profissional de enfermagem sobre o cuidado no uso das plantas medicinais: uma revisão de literatura. 2017.

SAAD, G. LÉDA, P. H., SÁ, SEIXLACK, A. **Fitoterapia Contemporânea: tradição e ciência na prática clínica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

SALDANHA, ALM; LAMEIRA, O. A. Efeito do ácido indolil butírico (aib) no enraizamento de estacas de agirú (*Chrysobalanus icaco* L.). 2007.

VEIGA JUNIOR, Valdir Florencio da. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Revista brasileira de farmacognosia**, v. 18, p. 308-313, 2008.